



## **A EJA E AS LACUNAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O ESQUECIMENTO DE UM SUJEITO (IN) EXISTENTE**

*Autor (1) Sílvio César Lopes da Silva; Co-autor (1); Maria do Socorro Guedes; Co-autor (2) Joseilma Ramalho Celestino; Co-autor (3) Jeane Leal.*

*UFRN –PPGED - Bolsista CAPES [sclop3@yahoo.es](mailto:sclop3@yahoo.es)  
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias- [joramalho10@hotmail.com](mailto:joramalho10@hotmail.com)  
UFCG – [socorrogedes4@gmail](mailto:socorrogedes4@gmail)  
UEPB– [lealjeane2010@gmail.com](mailto:lealjeane2010@gmail.com)*

### **Resumo**

Ao longo de nossa atuação na Educação de Jovens e Adultos, fomos percebendo o quanto à mesma vem exigido de cada professor, mais que uma formação acadêmica ou especialidade na disciplina que leciona. Os desafios da atualidade e da sala de aula são constantes e vem exigindo atenção não só para os conteúdos a ser desenvolvidos em sala, mas o cuidado com o sujeito que está a aprender. É preciso identidade com o ensino além da percepção das necessidades do aluno e adequação das suas experiências de vida com a proposta de ensino vigente. É sob essa perspectiva que voltamos nosso olhar para os Artigos 37 e 38 da LDB, que configuram a educação de Jovens e Adultos, e orientam o professor quanto à execução da aula e sua prática. Por outro lado, sentimos a necessidade de verificar junto às questões que envolvem a formação de professores, como se dá os limites deste processo, destacando-se assim, a ausência de debates e reflexão acerca da EJA como uma modalidade de ensino da educação básica. O objetivo deste artigo é pensar as questões que envolvem a EJA, desatacando sua normatização na educação básica, porém, apontando lacunas quanto à formação de professores, as quais não contemplam tal questão. Para tanto, faremos uma revisão bibliográfica e, por conseguinte uma análise reflexiva desta questão.

**Palavras-chave:** EJA. Formação. Professor. Aluno

### **Introdução**

Pensar a educação de jovens e adultos a partir da atual conjuntura educacional, torna-se um desafio, uma vez que as políticas voltadas para a educação, desde a formação de professores a execução e efetivação das mesmas, sempre estão relacionadas a educação básica da modalidade regular. Ou seja, a EJA é tida como um apêndice, ou como “caridade” por parte do governo, a uma necessidade latente da sociedade, porém, toda a atenção se dá ao ciclo regular da educação básica.

Seguindo esses pressupostos, pensamos na configuração deste artigo. Para tanto, tomando por base nossa experiência em a sala de aula e, por conseguinte as respectivas formações, chegamos a conclusão que pouco ou quase nada se reflete a EJA em nossos cursos de formação para professores, ao passo que todos



fazem vista grossa quanto a essa modalidade de ensino, mesmo sendo uma realidade da educação, estando presente em nossas escolas. Isso nos faz pensar nas diversas indagações: até que pontos, enquanto professores da educação básica, estamos tendo a devida formação para atuarmos junto ao aluno da EJA? O que fazemos, uma vez atuando em sala de aula, para sanar as devidas lacunas deixadas ao longo do processo formativo? Essas e outras questões perpassam a nossa reflexão uma vez que, a EJA é uma realidade e precisa ser pensada tão quanto a o ensino regular. Porém, pensada a partir de sua práxis e da sua realidade, para tanto, cabe voltarmos nosso foco para o professor, uma vez que, mesmo diante dos diversos desafios e dilemas vivenciados na sala de aula, ele é o condutor desse processo, e os caminhos a ser percorridos perpassam por sua direção.

Para início de nossa reflexão, voltaremos nosso olhar para os documentos oficiais, destacando aquilo que os mesmos sinalizam acerca da EJA, por conseguinte, faz-se necessário revisar a literatura acerca da formação de professores e os limites deste processo. A partir das reflexões aqui expostas buscaremos nesse artigo refletir sobre a formação de professores, voltando nosso olhar para Educação de Jovens e Adultos, modalidade de ensino esquecida dos cursos de formação, mas presente na educação básica.

## **Metodologia**

Fazer uma revisão bibliográfica de um tema sugestivo e rico quanto a sua importância, não é fácil, tendo em vista literatura existente e estudos desenvolvidos e os diversos caminhos a ser percorridos. Porém, é necessário fazer um recorte para que, ideias, pensamentos e apontamentos sejam feitos e suscitem novas reflexões.

A partir de nossa experiência com EJA, e nos cursos de formação de professores, pensamos em uma revisão bibliográfica sobre esse tema, focando nosso olhar para a Educação de Jovens e Adultos. Para tanto, respaldaremos nossa análise nos documentos oficiais Brasil (2014), Brasil (2016), e nos respectivos autores que tratam o tema formação de professores, dentre os quais Gatti, Barreto e André (2011), Silva (2009), Martins e Duarte (2010), Paiva, Machado e Ireland (2007) dentre outros.

## **Breve análise sobre o que dizem os documentos em relação a EJA**

Antes de iniciarmos qualquer reflexão acerca da EJA e, por conseguinte a formação de professores para atuação nesta modalidade de ensino é necessário atentarmos para aquilo que

os documentos oficiais trazem e sinalizam a respeito da mesma.

A Lei de Diretrizes e Base da educação nacional, conhecida como Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 ou simplesmente LDB, na Seção V destaca os Artigos 37 e 38 que abordam a educação de Jovens e Adultos. No Art. 37 em seus três parágrafos, observa-se a garantia da EJA para a educação básica e a quem se destina – Jovens e adultos trabalhadores, que estão fora da sala de aula e que buscam adequar tempo, trabalho e estudos.

É preciso atentar para o parágrafo 3º, quando este assinala que: “§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento.” (BRASIL, 2016, p.15) Se tomarmos por base, o modelo curricular que vem sendo adotado na última década, a exemplo, o Estado da Paraíba, vamos perceber que este não se adequa, pois, a carga horária e a forma como o currículo da EJA é pensado, não permite a articulação com a educação profissional<sup>1</sup>. Quando muito, esta é concebida como algo a parte, fora da necessidade do aluno.

Essas questões tornam-se pontuais e reais, uma vez que atuamos na educação básica e nos deparamos com as diversas realidades e sujeitos os quais se distanciam daquilo que é apregoado para a Educação de Jovens e Adultos. Ou seja, os interesses dos alunos que estão nesta modalidade de ensino são o mais diversos, dentre os quais, destaca-se o acelerar os estudos. A preocupação com o processo ensino aprendizagem e com aquilo que verdadeiramente se quer aprender acaba sendo esquecido ou deixado de lado ao longo do processo. Destaca-se dessa forma que a educação que seria voltada para o jovem e o adulto que por razões diversas estão regressando a escola, isso não vem acontecendo. O que queremos afirmar aqui, é que é preciso rever as práticas desenvolvidas na sala de aula, ao passo que refazer as estratégias de ensino para que o aluno encontre sentido naquilo que ele busca com o que se é ofertado na escola.

Isso nos faz destacarmos o Art. 38, que em seus dois parágrafos assinala a importância de tornar os sujeitos protagonistas de seu processo, a partir da continuidade de seus estudos fazendo as correções e adaptações em relação a idade-série. Destaca-se dessa forma o

---

<sup>1</sup> As Diretrizes Operacionais da educação do Estado da Paraíba normatizam como deve ser a estrutura curricular e, por conseguinte o funcionamento das escolas para o ano letivo. Esta busca adequar-se as novas modificações das leis e diretrizes que ao longo dos anos vão ampliando-se e dando nova roupagem a educação nacional. Cabe destacar ainda, que em alguns casos, a adequação escola e trabalho só acontecem quando se é pensado uma grade curricular voltada para cursos profissionalizantes. Ou seja, não se é pensado a EJA como um espaço de trocas simbólicas, no qual o professor ensina ao aluno e o aluno partilha suas experiências em sala de aula, experiências essas do seu cotidiano. In: Diretrizes Operacionais para o Funcionamento das Escolas da Rede Estadual de Ensino. PARAIBA: <http://paraiba.pb.gov.br/educacao/diretrizes-operacionais-para-o-funcionamento-das-escolas-da-rede-estadual-de-ensino/>



parágrafo 2º, neste temos “§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames”. (BRASIL, 2016, p,16) A partir do que é explicitado fica-nos a interrogação, como é possível acontecer os referidos exames uma vez que a evasão, a rotatividade do aluno e as lacunas deixadas ao longo do processo de escolarização não permitem maior proximidade do educador ao educando para poder colher informações e a partir destas elaborar os mesmos? Até que ponto os educadores estão sendo formados para poder trabalhar com essa metodologia de ensino e inovar em suas práticas avaliativas? Essas e outras questões, nos leva a afirma que a EJA para o modelo de escola e educacional que temos, mesmo assegurada pela LDB, precisa ser repensada, para que professores e alunos se encontrem nesse processo e busquem alternativas viáveis a suas práxis.

Destaca-se nesse ínterim, algumas iniciativas do governo em querer melhorar a qualidade da educação ao criar, por exemplo, o Plano Nacional de Educação – PNE, com a finalidade de direcionar investimentos e esforços estabelecendo leis e metas, a ser atingidas nos próximos 10 anos. Porém, cabe destacar que a grande preocupação daqueles que estão a frente do poder, está atrelada aos números, uma vez que estes têm revelado o quanto necessitamos melhorar a educação básica e a qualidade do ensino<sup>2</sup>.

Algumas metas do Plano estão focadas diretamente para o público jovem e adulto, porém, a Meta 10, sugere “oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional” (BRASIL, 2014, p,69) Ou seja, mais uma vez a questão educação e vida é abordada e direcionam a prática a ser desenvolvida pelo professor na sala de aula, porém, não se pensa na execução da mesma. Escolas e professorares não estão preparados em relação a essa questão, o que se observa na prática e no dia a dia escolar são as atividades desenvolvidas no ensino regular, repetidas da mesma forma junto aos alunos da EJA.

---

<sup>2</sup> Em consultas aos documentos oficiais divulgados pelo MEC, é possível perceber que a grande preocupação por parte dos governantes esta voltada para o número de alunos matriculados e da distribuição equitativa dos recursos da educação básica. Por mais que saibamos da necessidade de visualizarmos os gráficos e analisarmos as estatísticas, é preciso ir além dos números, uma vez que estamos tratando de sujeitos e processos singulares, como a educação. E quando pensamos essa questão cabe destacar que cada um tem o seu ritmo, o qual é preciso respeitar. E por mais que os números apontem a realidade, estes se tornam apenas um recorte, já que outros fatores contribuem para a qualidade ou não do ensino, o espaço físico, as distâncias entre residências e escolas, os recursos que professores e alunos dispõem, o salário do professor e a valorização da atividade docente, dentre outros tantos. Dessa forma, mais que números, precisamos olhar para o que realmente temos enquanto educação, e a partir daí educarmos para a vida. Os dados estatísticos podem ser consultados no site do INEP. In: [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/censo-escolar-2016-reforca-desafios-para-universalizacao-da-educacao-no-brasil/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/censo-escolar-2016-reforca-desafios-para-universalizacao-da-educacao-no-brasil/21206) (85) 3322.3222



Mais que conteúdos, cabe ao professor significar sua prática para que o aluno encontre respaldo em seu mestre e significado naquilo que se aprende. Com isso, o conteúdo abordado passa a ser correlacionado com o cotidiano e ganha sentido na existência do aluno da EJA. Daí a necessidade de pensarmos a formação de professores e público Jovem e Adulto.

### **A formação de professores: um desafio para a realidade escolar**

Pensar a formação de professores para a atual conjuntura – escola, aluno, sociedade, não é algo fácil, uma vez que requer uma revisão constante das teorias, tendo em vista as transformações sociais. Além de exigir práticas situadas, reflexões contínuas e formação constante, uma vez que sujeitos e sociedade estão se renovando constantemente.

Em relação a essa questão, observa-se que:

Cada vez mais, os professores trabalham em uma situação em que a distância entre a idealização da profissão e a realidade de trabalho tende a aumentar, em razão da complexidade e da multiplicidade de tarefas que são chamados a cumprir nas escolas. A nova situação solicita, cada vez mais, que esse (a) profissional esteja preparado (a) para exercer uma prática contextualizada, atenta às especificidades do momento, à cultura local, ao alunado diverso em sua trajetória de vida e expectativas escolares (GATTI, BARRETO E ANDRÉ, 2011, p.25)

Pelo que as autoras expõem, ao professor cabe mais que um mero cumprimento de conteúdos, uma vez que a demanda da sociedade é diversa e é de suma importância que os mesmo estejam atentos as questões que pautam o seu público específico. Daí a necessidade de se ter uma prática inovadora a qual se firma “não apenas de conhecimentos e de competências cognitivas no ato de ensinar, mas também de valores e atitudes favoráveis a uma postura profissional aberta, capaz de criar e ensaiar alternativas para os desafios que se apresentam” (GATTI, BARRETO E ANDRÉ, 2011, p.25)

E sobre esses desafios contemporâneos situamos a juventude e seus dilemas, e destacamos a violência quer seja social ou dentro dos muros da escola. E sobre essa questão Pain (2010) reflete que,

A globalização alcança os seres humanos, seus problemas, suas diferenças e semelhanças, globalizando também as violências em uma escala refinada e inventiva. Tais violências envolve-nos em situações que vão dos golpes feridas resultantes da agressão física até as violências por omissões indiretas, resultado da negligencia ou ignorância em relação aos outros. (PAIN, 2010, p.07)

Tais questões são relevantes e não podem ser deixadas de lado, uma vez que professor e aluno estão inseridos no mesmo contexto, e entendê-lo é ir além do aparente. Esse é um dos desafios enfrentados na formação do professor, uma



vez que prioriza-se ao longo do processo um aluno ideal, teorizado, que foge da realidade e dinamicidade da sala de aula. Adentrar no cotidiano escolar é perceber que é preciso ir além dos conteúdos preestabelecidos, uma vez que sujeitos, relações e contextos então imbricados neste processo. É sair das zonas de conforto criadas ao longo dos anos e deixar as omissões de lado. Isso nos faz atentar para as mídias e tecnologias e sua influência social.

Se por um lado o mundo se transforma e a informação a cada instante se renova, por outro, a busca pelo saber é um processo lento e contínuo o qual paulatinamente, ganha sentidos para aqueles que o busca. Cabe destacar aqui, que o lento e o contínuo é dado pelo tempo, pelas abstrações das coisas, pelo processo cognitivo dentre outros, que para a contemporaneidade estão fora de cogitação, tendo em vista que as coisas se configuram para líquidas das relações e ações<sup>3</sup>. Isso aponta para a necessidade do professor a cada instante questionar as verdades tidas como absolutas e buscar a partir dessa reflexão respostas que desembocarão não só na sua formação mas em sua prática cotidiana.

Basílio (2016) ao entrevistar António Nóvoa, traz como resumo de uma de suas falas a seguinte afirmação:

As formações docentes garantam espaços e tempos para um trabalho de autoconhecimento, de autoreflexão, de maneira que os professores partam de suas histórias pessoais, de vida, de sua subjetividade para então formatar a sua identidade profissional. (BASILIO, 2016, on line)

Cabe destacar aqui, que além da uma formação sólida é preciso que o profissional assuma uma identidade que o situe enquanto sujeito agente e transformador do grupo o qual se insere. Assim, é possível destacar que a formação profissional implica em entender a aprendizagem como um processo efetivo, contínuo e transformador, o qual requer não só teorias dissociadas da prática e do contexto, mas análises de etapas as quais envolvem ideias, práticas, valores, ações e recriações diárias. Cremos dessa forma, que quanto mais significativa for à história de vida e profissional do professor, como sujeito ativo de um sistema, maiores serão os resultados e desempenho de sua prática.

Em relação a essa questão, Martins (2010) assinala que:

Sob a égide do modelo econômico social vigente não podemos preterir a análise dos condicionantes que se estabelecem entre a formação para determinado tipo de ocupação profissional (o ideal é que pudéssemos dizer trabalho!) e as demandas hegemônicas dessa sociedade acerca de quais

---

<sup>3</sup> Bauman (2007) analisando essa modernidade a qual estamos inseridos, em um mundo globalizado, chama a nossa atenção para o fato que num planeta atravessado por "auto-estradas da informação", nada que acontece em alguma parte dele pode de fato, ou ao menos potencialmente, permanecer do "lado de fora" *intelectual*. Ou seja, estamos imbuídos em uma rede que nos expõe, mesmo sem querer, ao mundo e traz coisas de outros mundos a todos nós. Daí o terrenos das certezas que antes fora construídos sob bases sólidas da identidade, dos sonhos e da vida, se assentam agora nas bases da instabilidade, do efêmero.



devam ser os produtos dessa ocupação, ou seja, os seus resultados. Consideremos que um dos legados do século XX para a formação de professores foi o acirramento dessa contradição. No tocante a formação docente isso é letal, pois o produto do trabalho educativo deve ser a humanização dos indivíduos, que, por sua vez, para se efetivar, demanda a mediação da própria humanidade dos professores. (MARTINS, 2010, p.15)

O que o autor chama a atenção é a relação humana e dialética que perpassa o fazer docente de sua formação à prática. Por mais que a sociedade passe por transformações, que os sujeitos se tornem mais individualistas, competitivos e solitários, cabe ao professor a partir de seu fazer diário dar sentidos ao que vem desenvolvendo, para que o aluno se sinta seguro enquanto cidadão em suas ações e escolhas. Esse não é algo fácil, tendo em vista que, o processo formativo dos professores é lacunado, ou seja, sua preparação é focada em situações hipotéticas e sujeitos virtuais, já que o real este só tem acesso quando se põe diante da realidade, atuando no cotidiano da sala de aula.

A partir de estudo sobre o perfil dos professores e sua atuação junto a EJA, os autores Paiva, Mahado e Ireland (2007), afirmam que:

Dentre os problemas enfrentados pela EJA, destaca-se a falta de um corpo docente habilitado para um desempenho adequado a essa modalidade de ensino. Os cursos de formação para o magistério não contemplam as especificidades da área e há poucas alterações de qualificação e especialização nos níveis de 2º e 3º graus, de modo que o professorado dispõe de reduzidas oportunidades de aperfeiçoamento e atualização nos fundamentos teórico-metodológicos da EJA, restrito quase que exclusivamente àqueles programas que empreendem esforços de formação em serviço de seus educadores (PAIVA, MACHADO e IRELAND, 2007, p.20)

Têm-se consciência de que a formação é lacunada e que a EJA não vem sendo contemplada nesse processo, porém, é preciso romper a ideia de que a educação é feita apenas para o ensino regular e que o trabalho do professor com o público da EJA é uma ocupação profissional ou passa tempo. Ser professor é envolver-se com as necessidades da comunidade escolar, é ter coragem para desafiar o tempo e superar as dificuldades do dia a dia, é doar-se, mesmo que o tempo e as situações que se apresentam o levem a desmotivação. É ter identidade com aquilo que faz e fazer de sua prática referência constante para aqueles que acompanha e orienta ao longo do caminho.

Dessa forma,

É nessa experiência de experiências de ensino que o aluno-mestre irá validar, negar, desenvolver e consolidar os saberes teóricos, transformando-os em experienciais a partir de sua prática e de sua experiência individual e coletiva no ambiente escolar como um todo. Assim, com o passar do tempo, os professores vão incorporando certas habilidades sobre seu saber-fazer e saber-ser, ou

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

**www.coprecis.com.br**



seja, é com a própria experiência que o aluno de outrora, o qual possuía apenas saberes teóricos, aprende a ser professor. (SILVA, 2009, p.25)

Os desafios da sala de aula são diversos, mas é com a prática do professor que os mesmos são superados. E quando voltamos nosso olhar para a EJA nos damos conta que por mais que a nossa formação tenha sido lacunada, que os debates sobre alunos e problemas reais, que acontecem na sala de aula, tenham sido esquecidos, vemos que ao professor, com sua arte, sua missão e compromisso, cabe significar sua existência a cada dia, superando os obstáculos e dando saltos qualitativos para si e seu aluno.

### **Considerações finais**

Assegurada pela lei, nos Artigos 37 e 38 da LDB, e ofertada à educação básica, o que se tem como Educação de Jovens e Adultos está aquém do que se espera, tanto para o professor quanto para o aluno. Se por um lado os professores não estão tendo a devida orientação e formação para trabalhar com esse público específico, por outro, cabe aos cursos de formação de professores, as respectivas licenciaturas rever sua grade curricular e começar a ampliar o debate pensando esse sujeito e suas necessidades.

Mesmo diante das dificuldades, destaca-se o esforço do professor em superar as lacunas deixadas ao longo do processo formativo e seu envolvimento com tal modalidade de ensino. Para tanto, é preciso um debate mais amplo, que envolva não só o professor formador, mas a sociedade como um todo, além de políticas públicas, efetivas, voltadas para a Educação de Jovens e Adultos, para que sonhos se tornem realidades e os sujeitos existentes ao longo do processo.

### **Referências Bibliográficas**

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** – 13. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. – (Série legislação; n. 263 PDF)

BRASIL. **Plano Nacional de Educação 2014-2024**. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p.





BASÍLIO, A. L. **Veja cinco pontos para qualificar a formação docente, segundo António Nóvoa.** <http://educacaointegral.org.br/reportagens/veja-cinco-pontos-para-qualificar-formacao-docente-segundo-antonio-novoa/> <Acesso em 18 de Agosto de 2017>

GATTI, B. A; BARRETO, E. S. S; ANDRÉ, M. E. D. A. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte.** – Brasília: UNESCO, 2011.

INEP. **Censo Escolar 2016 reforça desafios para universalização da educação no Brasil.** [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/censo-escolar-2016-reforca-desafios-para-universalizacao-da-educacao-no-brasil/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/censo-escolar-2016-reforca-desafios-para-universalizacao-da-educacao-no-brasil/21206) <Acesso em 20 de Agosto de 2017>

MARTINS, L.M; DUARTE, N (Orgs) **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SILVA, M. **Complexidade da formação de profissionais: saberes teóricos e saberes práticos.** – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PAIN, J. Os desafios da escola em face da violência e da globalização: submeter-se ou resistir? In: SILVA, A.P; SALLES, L. M. F (Orgs) **Jovens, violência e escola: um desafio contemporâneo.** - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PARAIBA. **Diretrizes Operacionais para o Funcionamento das Escolas da Rede Estadual de Ensino.** <http://paraiba.pb.gov.br/educacao/diretrizes-operacionais-para-o-funcionamento-das-escolas-da-rede-estadual-de-ensino/> <Acesso em 05 de Agosto de 2017>

PAIVA, J; MACHADO, M. M; IRELAND, T. (Orgs) **Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea, 1996-2004.** – Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2007.